

**Igualdade de gênero no cinema de animação:
Uma investigação sobre o filme Moana – Um mar de aventuras**

**Gender equity in the animation cinema:
An investigation about the film Moana**

Vanessa Pereira da Rosa¹
Valmir Mateus dos Santos Portal²

Resumo

Este trabalho investigou as representações de gênero no filme *Moana – um mar de aventuras*. Utilizou-se como metodologia estudo de caso, com revisão bibliográfica, e um exame qualitativo apoiado em uma análise fílmica de conteúdo. Concluiu-se que o comportamento e as características empregadas para os personagens femininos e masculinos fogem dos modelos tradicionais do cinema, sugerindo uma reflexão dos papéis de gênero na sociedade.

Palavras-chave: Igualdade de gênero; Mulher; Cinema; Disney; Princesas.

Abstract

This work investigated genre representations in the film *Moana*. A case study was used as methodology, with a bibliographical review and a qualitative examination supported by a video content analysis. It was concluded that the behavior and characteristics used for female and male characters differ from the traditional cinema models, suggesting a reflection of the gender roles in a society.

Keywords: Gender equity; Woman; Cinema; Disney; Princess.

Introdução

¹ Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, RS.

² Professor das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, RS. Orientador do trabalho.

Apesar da contínua luta pelos direitos iguais entre os gêneros, diversas formas de desigualdades ainda são diariamente manifestadas na sociedade brasileira. Essas, constantemente, desencadeiam preconceitos e discriminações, podendo levar à violência e a mortes, vitimando mulheres de todas as idades, etnias, religiões, seja física seja mentalmente, como revelado no *Dossiê Violência Contra as Mulheres* (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2017).

O filme *Moana – um mar de aventuras* é o objeto de estudo desta pesquisa, e trata-se de uma animação cinematográfica. Pereira (2002, p. 98), relata que o cinema é uma fonte de comunicação que se destaca das demais em se tratando da propagação de estereótipos. Ainda, o autor sustenta ser “uma obra dedicada à apresentação dos clichês, cenas obrigatórias, convenções e estereótipos tradicionalmente incluídos” (PEREIRA, 2002, p. 98). *Moana* apresentou grande representatividade nos cinemas brasileiros, sendo exibido para 5,1 milhões de espectadores (ANCINE, 2017, p. 10), consagrando-se como a animação da Disney que obteve maior bilheteria no Brasil (PLASSE, 2017).

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é de analisar como os filmes animados abordam o tema igualdade de gênero, a fim de identificar discurso que anseie pela mudança, que não se satisfaça com as narrativas hegemônicas, observando os comportamentos que pretendem subverter a lógica do patriarcado estruturante e incentivar a equidade de gênero dentro da produção escolhida. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se identificar as representações de gênero, compreender as linguagens cinematográficas que foram utilizadas e analisar o empoderamento feminino da personagem principal dentro do conceito de igualdade de gênero.

Acordos metodológicos

O filme *Moana – um mar de aventuras* foi analisado após uma pesquisa bibliográfica, em que se realizou a contextualização histórica sobre a família, a mulher, o gêneros e o cinema. O estudo feito foi de caráter qualitativo, utilizado as indicações de Penafria (2009, p. 6) no processo da análise fílmica de conteúdo. Em um primeiro momento, foi realizada uma decomposição do filme. Para tanto, foram selecionados quatro momentos de relevância no

enredo e que apresentassem alguma relação com a temática da pesquisa. Algumas perguntas foram elaboradas e utilizadas como questionário para cada uma das quatro cenas, entre elas, indagações como quem foi o/a personagem principal; o/a secundário(a); a presença de estereótipos atrelados à figura feminina; a existência de sexismo e discriminações entre os gêneros; entre outras. Utilizando como apoio o referencial teórico, foram respondidas as questões, para cada uma das cenas. Por fim, as conclusões puderam ser feitas a partir das respostas obtidas em cada um dos questionamentos.

Fundamentação teórica

A construção de uma sociedade marcada pela desigualdade entre homens e mulheres é decorrente de um processo histórico, no qual o patriarcado tornou-se parte estruturante das relações sociais, políticas, culturais e econômicas, manifestando-se de diversas formas, como a violência doméstica ou o silenciamento das mulheres nas esferas públicas oficiais (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2017). A desconstrução desses padrões estigmatizantes e que promulgam a desigualdade, é basilar para uma sociedade democraticamente sensível à diferença e pluralidade. A violência e agressão contra mulheres, negros e homossexuais são crimes que, apesar de inaceitáveis, ocorrem com frequência. Estes hábitos partem de costumes enraizados no caráter dos indivíduos ao determinar seu comportamento ao lidar com o próximo, podendo ocasionar no preconceito, pilar da discriminação e da violência (SILVA, 2010, p. 563).

Louro (2003, p. 70) comenta sobre investigações acerca das representações de gênero, de grupos étnicos e de classes sociais, denunciando a presença de dois mundos: o mundo público dos homens ou das características consideradas masculinas; e o mundo doméstico da mulher ou com características específicas femininas. Em concordância, Moreno (2003, p. 28) comenta que, desde a infância, as crianças recebem estímulos para desempenhar papéis masculinos ou papéis femininos. O perfil da mulher é definido como sensível e submisso, sendo incentivada a ser dócil e amável, a ela é atribuída a fragilidade e o medo. Por outro lado, os meninos são relacionados ao papel do herói, com sua força e invencibilidade.

A Constituição Federal de 1988, denominada como carta cidadã, garante, já nos primeiros dispositivos, a igualdade entre os indivíduos como uma das premissas fundamentais para o Estado Democrático de Direito. Nesse paradigma, há substancial alteração nas relações conjugais, já que os deveres e direitos são idênticos tanto para o homem quanto para a mulher. Porém, a família monogâmica, patriarcal, urbana e burguesa é a organização que é percebida como *normal* no imaginário social, desqualificando ou não reconhecendo as demais (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 51).

A separação de homens e mulheres em de papéis sociais é problematizada nos estudos de gênero devido aos costumes que são naturalizados na sociedade ocidental. Petrucci e Silva (2014, p. 7) apresentam o exemplo atribuído aos papéis de que tradicionalmente a mulher é responsável pelas atividades domésticas e o homem pelo sustento da família. Scott (1996, p. 9) propõe a desconstrução da diferenciação binária de masculino-feminino e os papéis atribuídos de formas opostas, a partir de uma estrutura dominante-submissa. Da mesma forma, contribui Louro (2003, p. 33) que homens e mulheres não são apenas sujeitos dicotômicos, “mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante versus mulher dominada”.

A denominação do gênero não tem como objetivo excluir a ideia do corpo sexuado, segundo destaca Meyer (2012, p. 19), mas incluir a concepção além do corpo, integrando os processos relacionais. Os sujeitos, conforme pontua Louro (2003, p. 24), são donos de identidades plurais: “identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”. É importante ressaltar que as identidades são fluidas e estão em processo de construção em face das experiências do ser humano, não sendo possível fixar um momento certo e determinado em que elas são acabadas (LOURO, 2003, p. 24).

As relações entre homens e mulheres, bem como a identidade de gênero, são significadas a partir de representações, que têm sido construídas por meio das mídias. Fernandes e Siqueira (2010, p. 102) revelam que diferentes estudos apontam a mídia como ferramenta de construção identitária dos indivíduos. As relações de gênero são expressas através do cinema, às vezes com mais e outras com menos evidências, seu simbolismo é alcançado através da produção e da sua recepção. O cinema tem se mostrado um canal

importante para a discussão dos gêneros, sendo uma alternativa à cultura tradicionalista, conservadora e com discursos hegemônicos (KAMITA, 2017, p. 1396).

Os arquétipos e estereótipos, mesmo com a emancipação da mulher, continuam as retratando com estereótipos demasiadamente românticos e irreais (GUBERNIKOFF, 2009, p. 73). As representações femininas, as formas de ser, agir e comportar, são produtos criados pelos homens e que ainda hoje as mulheres tentam se enquadrar a um padrão de mulher que eles gostariam que elas fossem, que são expostas principalmente pelo cinema. Gubernikoff menciona que o cinema “ao mesmo tempo que procura justificar a repressão social da mulher, projeta a imagem da mulher ideal, a favor da acumulação de capital” (GUBERNIKOFF, 2009, p. 68).

O objeto de estudo desta pesquisa pertence ao agrupamento conhecido como *Princesas Disney*, que reúne outras doze animações que contam histórias de princesas, entre elas Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), A Pequena Sereia (1989), A Bela e a Fera (1991), Aladdin (1992), Pocahontas (1995), Mulan (1998), A Princesa e o Sapo (2009), Enrolados (2010), Valente (2012) e Frozen: Uma Aventura Congelante (2013) (DISNEY PRINCESS, 2017). Os filmes das princesas apresentam várias características em comum, pois são histórias de jovens belas e sonhadoras, que vivem em um mundo encantado, vivenciam aventuras, presenciam magias e buscam o verdadeiro amor. No final, o amor prevalece e o bem sempre vence o mal. A maioria delas apresenta estereótipos, como sua beleza, delicadeza, o carinho com a natureza e os animais. Porém, os estereótipos das princesas vêm sofrendo alterações, evoluindo com o avanço das reivindicações feministas (DISNEY PRINCESS, 2017).

Resultados

O filme escolhido como objeto de estudo foi produzido pela *Walt Disney Animation Studio* e lançado em 2016 nos Estados Unidos e em janeiro de 2017 no Brasil. A direção do filme é de John Musker e Ron Clement, produzido por Osnat Shurer, e a trilha sonora por Lin-Manuel Miranda, Mark Mancina e Opetia Foa'i (MOVIES DISNEY, 2017).

A história de Moana se passa na Ilha Motunui. Trata-se uma adolescente, filha do chefe da Ilha. Quando os recursos naturais do local começam a perder vida, Moana decide quebrar

as regras para salvar seu povo e, inspirada nas histórias de sua Avó, ela parte em busca do semideus Maui. Juntos, os dois viajam o oceano enfrentando diferentes desafios. Enquanto Maui apresenta uma personalidade confiante, cheio de si e egocentrista, a adolescente passa por crises de confiança e é desacreditada. Ao longo do filme, Moana revela-se uma grande lutadora, que, ao final, consegue entender quem ela é ao mesmo tempo que salva a ilha.

Por meio da análise fílmica de conteúdo foi possível verificar que a primeira cena é de apresentação do que o filme irá revelar, de quem estará a frente de sua história e quais são seus objetivos. Este é o momento de conhecer a personalidade de Moana, que ainda não está totalmente construída, mas já tem traços marcantes: é uma desbravadora, aventureira, curiosa, e, por enquanto, tem medo do desconhecido, quer respeitar sua família. Moana se questiona se deve seguir seus desejos, mesmo aqueles que ela não entende, ou se deve permanecer sob os cuidados do pai. Analisando os gêneros, pode-se concluir que o filme faz uma crítica ao homem patriarca e, ao mesmo tempo, traz uma solução, já que ele prepara a mulher para ser a próxima líder, a próxima chefe da aldeia. Essa atitude coloca o gênero masculino e o feminino como iguais, uma vez que ambos podem exercer papéis de poder. Apesar do fato de o pai ser controlador, ele está desempenhando o papel de chefe, protegendo todos os habitantes da ilha, não apenas a filha.

Sucessivamente, apresenta-se a primeira conquista de Moana e ocorre logo após as decepções com o semideus. Moana consegue vencer a primeira etapa no mar e chega até Maui, mas ele é bem diferente do que ela imagina. Ela acreditava que a salvação da ilha seria pedir para Maui devolver o coração para a deusa Te Fiti. Ao chegar até ele, porém, encontra um homem egocêntrico, que não se importa com o problema da ilha. A educação que Moana recebeu torna-se um aspecto negativo, pois, para enfrentar os mares, ela teria que saber navegar, o que não era permitido aos habitantes de Motunui. Maui instintivamente debocha da menina, alegando que ela é só uma criança. Ela não desiste na primeira tentativa. Enfrenta mais essa etapa, que é convencer o semideus a ficar ao lado dela no percurso até Te Fiti. Nessa cena, é apresentado o segundo personagem masculino de maior destaque, que, apesar de toda sua força e poder, tem uma personalidade difícil. Pode-se entender que essa personalidade egocêntrica de Maui é representada para que o espectador faça uma crítica à sociedade com hábitos preconceituosos, que discriminam as mulheres ao colocá-las como inferiores aos homens. Ao

fazer de Moana a protagonista, que enfrenta e vence as limitações impostas, o filme deixa clara a mensagem de que as atitudes de Maui não são corretas.

A terceira cena é um dos momentos de maior importância para o desfecho da história. Moana é abandonada por Maui, que, para não sair perdendo, convence-a de ser fraca. Como visto, Moana passava por uma crise de identidade, não tinha certeza do que era, do seu dever. Quando é menosprezada, ela aceita, não discute com o semideus. Está disposta a desistir de tudo, até receber a visita da alma de sua avó. A avó vem trazendo forças para a neta, para encorajá-la em suas escolhas, lembrar sua essência e seus anseios. Moana se enche de forças para enfrentar novamente o vilão de lava. Destaca-se que ocorre uma discriminação por parte do Maui perante Moana, uma vez que ele acredita que, se ele não é capaz de derrotar o monstro, Moana também não o será. Esse acontecimento remete à história das mulheres: uma mulher vítima, frágil, que passa a ser ativa, contorna a história, vence suas fraquezas e mostra que pode fazer o mesmo que os homens. A cena tem, de um lado, o homem que se diz muito forte; do outro, a mulher que é dita fraca, no entanto a imagem masculina está sendo derrotada, demonstrando que o homem também tem suas fraquezas.

Na quarta e última cena, foi possível observar como ocorreu o fechamento da história. Moana derrota o monstro e salva sua ilha. Maui, arrependido, volta e ajuda a menina, mas eles só conseguem vencer porque Moana desvendou o mistério por trás do monstro de lava, que Maui não foi capaz de descobrir sozinho. A resolução do filme difere da que ocorre em outros filmes de princesas da Disney. Isso porque as primeiras princesas são vítimas e salvas pelo príncipe, as próximas deixam de ser dependentes, mas as histórias de romance continuam presente. Já entre as princesas dos anos 2000, uma princesa é salva pelo príncipe, duas delas têm romances e outras duas retratam o amor entre mãe e filha e entre irmãs. Assim, nota-se uma mudança na narrativa, já que em *Moana* não existe nenhum romance. A princesa está destinada a salvar seu povo. A persistência da personagem principal solucionou o problema da ilha, representando a vitória da mulher contra a sociedade que a inferioriza.

Desta maneira, a produção traz em seu enredo a personagem feminina, Moana, desvendando as limitações em que normalmente as mulheres são confinadas, revelando atitudes para possíveis reflexões sobre os papéis femininos e masculinos. A partir das atitudes da jovem e dos outros personagens, pode-se advertir que os estereótipos e as condutas

comumente esperados dos homens e mulheres podem divergir, visto que ambos podem exercê-los.

Considerações finais

O objetivo inicial deste trabalho foi o de identificar um discurso de igualdade de gênero dentro de uma produção cinematográfica de animação, a fim de buscar um discurso que coloque homens e mulheres no mesmo lugar, reduzindo o espaço para preconceitos entre os gêneros.

Sabendo que as mulheres tiveram que batalhar para terem os mesmos direitos que os homens e que, mesmo os conquistando, ainda convivem com desigualdades, vivem discriminações e violências, é extremamente necessário que as mídias, como as novelas, a publicidade, as revistas, os sites, o cinema, as músicas, entre outras, tratem essas reivindicações, coloquem a igualdade de gênero como pauta, apresentem a mulher representando o mesmo personagem que o homem representaria, porque ela pode exercer o mesmo papel, os gêneros podem exercer as mesmas funções e os mesmos trabalhos.

A história de Moana chama atenção devido à mudança que ocorre no enredo: seria comum e esperado que, ao encontrar o semideus Maui, Moana e ele se apaixonassem e Maui salvasse a ilha. Porém, isso não acontece. Maui é o coadjuvante, está ali dando suporte para a jovem. Moana é a protagonista em todos os momentos do filme. Em sua trajetória, conhecemos sua personalidade, seus medos e fraquezas, assim como sua força, coragem e determinação para alcançar seu objetivo. Na maioria dos filmes das princesas da Disney, as protagonistas foram as próprias princesas, mas, diferentemente de Moana, elas contaram com um príncipe para salvá-las ou para viver uma história de amor.

Percebe-se que existe uma linha evolutiva em suas histórias. As primeiras princesas tinham a beleza, a bondade e a ingenuidade como características marcantes. Mais tarde, outras características foram adicionadas às princesas seguintes, que se tornam guerreiras, questionam as tradições, deixam de ser domesticadas. Essas transformações acompanham as conquistas da mulher na sociedade. Assim, a história de Moana acompanha a linha, representando a mulher

forte, guerreira, heroína, que se assemelha ao homem que esteve ao lado durante a trama: Maui é um herói, é forte e guerreiro, porém essa missão ele não solucionou sozinho.

Sabe-se que os estereótipos e arquétipos são muito utilizados em produções cinematográficas, assim como em muitas outras ferramentas midiáticas, influenciando comportamentos sociais. No filme, identificam-se diferentes estereótipos que são comumente atribuídos à mulher, como o dever de permanecer no lar, ser amável, responder ao homem, permanecer na imobilidade, ser frágil e ser submissa ao homem. Simultaneamente, o enredo revelou a insatisfação da personagem de se limitar a essas características, já que ela enfrentou o pai e Maui para concluir sua missão e, ao mesmo tempo, comprovou do que era capaz. A presença dos arquétipos também marca a mudança entre Moana e as princesas anteriores: a maioria delas desempenhava características do arquétipo da donzela, com suas belezas invejáveis e seu poder de sedução, ao contrário de Moana, que em nenhum momento do filme teve sua beleza, feminilidade ou sedução indicadas na trama. Em relação ao homem, também ocorre uma mudança: os príncipes apareciam como guerreiros-heróis, sendo independentes, corajosos, prontos para salvar as princesas em apuros.

Nota-se que o enredo empoderou a personagem feminina para alcançar o objetivo de colocar homens e mulheres em equilíbrio. Esse caminho é justificado devido à história das mulheres e das suas representações nas mídias. Por muitos anos, ficaram à sombra dos homens, e no cinema clássico foram figuradas a partir do olhar do homem patriarca. Assim, o filme colocou homens exercendo atitudes erradas, como o pai patriarca e opressor e o semideus preconceituoso, para, então, expor um caminho diferente que, ao mesmo tempo em que minimiza essas atitudes, apresenta um novo pensamento. Logo, o mesmo pai que oprime ensina a filha, mulher, a ser a nova chefe da ilha. A filha, por não aceitar as barreiras criadas pelo pai, será quem vai salvar a todos. Já o semideus aprende que não é melhor do que ninguém, que seus julgamentos foram criados a partir de estereótipos delimitadores. Após ser derrotado, arrepende-se das atitudes e retorna para ajudar a amiga.

Dessa forma, o estudo constata que o filme *Moana – um mar de aventuras* ilustra uma relação entre homens e mulheres que sugere a busca pela igualdade de gênero ao retratar personalidades que fogem dos modelos tradicionais do cinema, com estereótipos que não os delimitam.

Referências

ANCINE. *Resultados Semanais do Cinema Brasileiro – Semana 13* (30 de março a 5 de abril de 2017). Rio de Janeiro: Ancine, 2017. Disponível em: http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/informe_semanal_-_semana_13_0.pdf. Acesso em: 21 de abril de 2017.

BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão P. (Org.). *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional*. São Paulo: Senac, 2005. p. 277-302. v. 2.

DISNEY MOVIES. *Moana*. Disponível em: <http://movies.disney.sg/moana>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

DISNEY PRINCESS. *Dream Big, Princess*. Disponível em: <http://princess.en.disney.com/>. Acesso em: 04 de maio de 2017.

FERNANDES, Wânia Ribeiro; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 101-120, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 de outubro de 2017.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. *Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul*, v. 8, n. 15, jan. /jun. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113>. Acesso em: 17 de outubro 2017.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê Violência Contra As Mulheres*. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

KAMITA, Rosana Cássia. Relações de gênero no cinema: contestação e resistência. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1393-1404, set./dez. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301393&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 de outubro de 2017

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, v. 1, p. 9-27.

MOANA – Um mar de aventuras (*Moana – The ocean is calling*). Direção: John Musker e Ron Clement. Produção: Osnat Shurer. Califórnia: Walt Disney Pictures, 2016. 1 DVD (103MIN), Cor.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 2003.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1992.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.18, n. 1, p. 49-53, jan./abr., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia (s). VI Congresso SOPCOM. 6. Lisboa. *Anais 2009*. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia Social dos Estereótipos*. São Paulo: E.P.U., 2002.

PETRUCCI, Gabriela; SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Como educar meninas*. Gênero e subjetividade em filmes dos estúdios Disney. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 15. Palhoça, 8-10 maio 2014.

PLASSE, Marcel. *Moana supera frozen e vira maior bilheteria da história da Disney no Brasil*. [s.l.]: Pipoca Moderna, 2017. Disponível em: <http://pipocamoderna.com.br/2017/01/moana-supera-frozen-e-vira-maior-bilheteria-da-historia-da-disney-no-brasil/>. Acesso em: 21 de abril 2017.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 3. ed. Recife: SOS Corpo, 1996.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 556-571, Set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de maio de 2017.

VEIGA, Ana Maria. Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1355-1357, set./dez. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301355&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 de outubro de 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: FLACSO, 2015. Disponível em: http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/pesquisas-e-publicacoes/mapaviolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 21 de abril de 2017.